



UMA LEITURA SOBRE A IDEOLOGIA COOPERATIVISTA NOS SOCIALISTAS UTÓPICOS E MARXISTAS ASSOCIADA AO EXEMPLO DA COAPECAL EM CATURITÉ-PB

Eduardo Ernesto do Rego
Universidade Federal da Paraíba

Emilia Moreira
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O presente trabalho encontra-se dividido em duas etapas, na primeira visamos recuperar, de modo sucinto, a discussão teórico-conceitual do cooperativismo, onde discutimos esse fenômeno desde os autores adeptos do socialismo utópico, através da abordagem das principais idéias de dois importantes representantes dessa corrente, Robert Owen e Charles Fourier; até os teóricos do socialismo marxista, onde tomamos por base as idéias defendidas por Karl Marx, Rosa de Luxemburgo, Karl e Kautsky. Em um segundo momento, pretendemos destacar a Cooperativa Agropecuária do Cariri – COAPECAL como exemplo de cooperativa bem sucedida implantada no Cariri Oriental Paraibano e que vem provocando consideráveis alterações técnicas, sociais, econômicas e territoriais na sua área geográfica de atuação.

Palavras-Chave: Cooperativismo, Socialismo, Cooperativa, COAPECAL.

ABSTRACT

This paper is divided into two steps, the first we aim to recover, succinctly, the theoretical and conceptual discussion of the cooperative, where we discussed this phenomenon from the supporters authors of utopian socialism, by addressing the main ideas of two important representatives this current, Robert Owen and Charles Fourier; until theorists of Marxian socialism, which we take as a basis the ideas advocated by Karl Marx, Rosa Luxemburg, Karl Kautsky and. In a second step, we intend to highlight the Agricultural Cooperative Cariri - COAPECAL as an example of successful cooperative located in East Cariri Paraíba and which has caused considerable technical, social, economic and territorial in its geographical area of operation changes.

Keywords: Cooperatives, Socialism, COAPECAL.

INTRODUÇÃO

Uma das questões que emerge no estudo do cooperativismo é a sua compreensão no mais das vezes equivocada na medida em que é confundida com a concepção de cooperação. Klaes (2005), por exemplo, confunde cooperação com cooperativismo quando defende a tese de que o cooperativismo é um movimento

que remonta ao início da história da humanidade. Em outras palavras, ele já seria encontrado em sociedades antigas e feudais, portanto se constituiria em algo muito antigo; e também seria algo natural na medida em que é encontrado até entre os animais.

Não se pode negar a existência de experiências cooperativas e associativas em períodos remotos, todavia, não se deve confundir manifestações de sociabilidade próprias do homem enquanto um ser social com o sistema de cooperativa uma vez que o movimento cooperativista é “genuinamente moderno”, já o conceito de cooperação consiste na união mútua que possibilita aos seres o desenvolvimento de suas atividades de forma coletiva, aumentando a produtividade e os benefícios do grupo cooperado. (BOGARDUS, 1964).

Nessa perspectiva Costa (2007: p. 58) comenta:

(...) não se pode confundir o ato de cooperar com o cooperativismo, pois, enquanto o primeiro pode ser entendido como qualquer ato ou ação de colaborar com outras pessoas em qualquer formação socioeconômica, o segundo só pode ser entendido como um movimento social que procurou, através da associação, fugir de uma opressão social resultante de um determinado período histórico e de um determinado sistema, ou seja, o capitalismo concorrencial do século XIX.

Na verdade o cooperativismo surgiu entre os fins do século XVIII e o início do século XIX, período marcado pelo agravamento do conflito entre capital e trabalho refletido nas miseráveis condições de vida da classe trabalhadora, em particular, da classe operária na Europa. É nesse momento que personagens como Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837), entre outros, que compunham a corrente socialista utópica, propuseram “um ideal alternativo ao individualismo (o cooperativismo) e uma organização alternativa à empresa capitalista (a cooperativa)” (PINHO, 1966 apud COSTA, 2007: p. 5).

O cooperativismo no pensamento utópico

O socialismo surge ainda na primeira metade do século XIX como resposta crítica à industrialização e às teorias que buscam justificá-la. Os socialistas utópicos assentavam suas argumentações na defesa do desenvolvimento de uma sociedade igualitária mais na perspectiva da ordem moral dos indivíduos do que na sua esfera econômica, acreditando que dessa forma se poderia romper com o individualismo propagado no modo de produção capitalista. Destacamos aqui as idéias de dois importantes representantes dessa corrente: Robert Owen e Charles Fourier.

Robert Owen e seu ideal de cooperativismo

Robert Owen (1771-1858) foi um grande industrial e filantropo que realizou importantes ações no ramo industrial como a redução da jornada de trabalho dos operários que trabalhavam na sua fábrica e a promoção de uma série de ações que objetivavam a regeneração moral dos indivíduos bem como o aumento da autoestima dos mesmos enquanto operários. Todas essas iniciativas praticadas por ele nessa empresa o induziram a se converter ao socialismo associacionista e cooperativista que acabou por fomentar o movimento operário para a prática concreta do cooperativismo.

Em 1830, Robert Owen embasado na teoria do valor-do-trabalho de Smith e Ricardo, que defendia o direito do trabalhador ao usufruto do seu trabalho, fundou uma bolsa de trocas onde cada produto tinha o seu valor estabelecido conforme as horas de trabalho necessárias para a sua confecção e onde o dinheiro era substituído por “bônus de trabalho”. Ele objetivava com a fundação dessa bolsa de trocas implantar paralelamente à economia capitalista um sistema que, a seu ver, continha ideias socialistas. Devido ao fato de Owen não ter conseguido por vários fatores obter muito sucesso com a fundação da bolsa de trocas, o mesmo abraçou o cooperativismo como uma proposta para combater a crise econômica e social que observava.

Robert Owen considerava que o cooperativismo seria capaz de fazer com que os pobres, desempregados e miseráveis, pudessem obter meios de melhorar suas vidas e conseguir se inserir na sociedade como indivíduos dotados de potencialidades. É importante destacar que o socialismo proposto pelo owinismo pretendia transformar o capitalismo sem nenhum embate.

Fourier e seu modelo utópico de sociedade ideal

Charles Fourier (1772-1837) foi um teórico da linha utópica francesa que realizou profundas críticas à sociedade industrial do seu período e à sociedade francesa em particular. Segundo ele a harmonia entre os indivíduos só seria possível quando esses fossem libertos de toda moral e censura e quando todas as paixões pudessem ser realizadas livremente, sem nenhuma repressão. Nessa sociedade o trabalho seria livre e os indivíduos tornar-se-iam cooperados de forma espontânea, sendo que cada um buscaria o que lhe satisfizesse e procuraria fazer o possível para ajudar o seu semelhante a se satisfazer. Conforme Pires (2004, p.84) para Fourier, “o regime salarial, fonte de injustiças, seria substituído pela livre associação e pelo jogo das paixões, base de uma economia do desejo e não mais do lucro”.

Ainda de acordo com Pires (2004), na ótica de Fourier a chave para o sucesso da sociedade seria a vida comunitária, onde todos os indivíduos realizariam suas refeições e atividades culturais em coletividade, o trabalho doméstico e produtivo também seria dividido entre todos os membros do grupo que o realizariam sob a égide da satisfação mútua e da liberdade de expressão e de sentimentos. Fourier

desprezava as idéias coletivistas e considerava que o talento individual poderia ser recompensado segundo um sistema complexo de “elos societários” chamados de falange. O agrupamento de falanges daria origem aos “falanstérios”¹ ou “edifícios societários com uma arquitetura adequada à diversidade de setores e trabalhos voltados para se produzir em harmonia”, onde “o homem estaria livre de contradições e plenamente integrado com a sociedade” (PAGOTTO, 2005, p. 5).

O cooperativismo no pensamento marxista

Neste item apresentamos as considerações e críticas ao cooperativismo presentes no pensamento marxista com base nas posições defendidas por Marx, Kautsky, Rosa de Luxemburgo e Trotsky.

Karl Marx e suas idéias relacionadas ao cooperativismo

Karl Marx destacou a importância do movimento cooperativo e da implantação de empresas cooperativas criadas e geridas pelos trabalhadores. Comparando o sistema de cooperativa com as sociedades por ações ele chamou a atenção para o fato desta última, embora negando a antiga forma em que o meio social de produção se apresenta como propriedade individual, continua “encerrada dentro das barreiras capitalistas; logo, em vez de superar o caráter privado da riqueza, as sociedades por ações dão-lhes apenas uma nova forma”². (MARTINS, 2000: p. 17). Já no que diz respeito às cooperativas operárias ele afirma que as mesmas:

(...) representam, dentro do antigo sistema, a primeira brecha nele aberta, embora reproduzam necessariamente e em todos os seus aspectos, na sua organização real, todos os defeitos do sistema existente. Todavia, dentro das cooperativas o antagonismo entre capital e trabalho encontra-se superado, embora ainda sob uma forma imperfeita: como associação, os trabalhadores são o capitalista deles próprios o que quer dizer que utilizam os meios de produção para valorizar o seu próprio trabalho (MARTINS, 2000: p. 17-18)

Ainda sobre o cooperativismo, no manifesto escrito por Marx e lançado no Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores ele afirma que:

¹ União da palavra falange e monastérios (Konder, 1998:12).

² Extrato de O Capital, livro III, Cap. XVI, III – A função do crédito na produção capitalista.

(...) o futuro nos reserva uma vitória ainda maior da economia política dos proprietários. Referimo-nos ao movimento cooperativo, principalmente às fábricas cooperativas levantadas pelos esforços desajudados de alguns “*hands*” [operários] audazes[...]. Pela ação, ao invés de por palavras, demonstram que a produção em larga escala e de acordo com os preceitos da ciência moderna pode ser realizada sem a existência de uma classe de patrões que utiliza o trabalho da classe dos assalariados; que, para produzir, os meios de trabalho não precisam ser monopolizados, servindo como um meio de trabalho não precisam ser monopolizados, servindo como um meio de dominação e de exploração contra o próprio operário; e que, assim como o trabalho escravo, assim como o trabalho servil, o trabalho assalariado é apenas uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado que cumpre a sua tarefa com gosto, entusiasmo e alegria (MARX, 1983: p. 11).

Deste modo, Marx enfatiza que o trabalho escravo, o trabalho servil e o trabalho assalariado eram apenas fases que antecederiam a implantação de uma nova forma de trabalho associado que teria no movimento cooperativista a sua concretização. Entretanto, ele não se posicionava favorável à formação de cooperativas por trabalhadores isolados, visto que ele observava a importância das organizações como uma forma ampliada capaz de emancipar a classe operária e não para beneficiar operários isolados. Ele ainda afirma que o cooperativismo não poderia ser praticado com subsídios do Estado ou de capitalistas particulares, uma vez que as cooperativas deveriam ser originadas e geridas pelos próprios operários com o objetivo de emancipar toda a classe operária. Dessa forma elas se constituiriam em um instrumento de transição entre uma economia capitalista e sua transformação em um novo sistema, o socialismo.

Schmit (2005, *apud* Marx, 1983), considera ainda que o cooperativismo se situaria em uma fase superior ao sindicalismo, visto que esse último, seria caracterizado pelas reivindicações da classe operária junto ao Estado, e que ficaria apenas na esfera da discussão teórica. Em contrapartida o cooperativismo, se desenvolvido em uma rede global, poderia representar uma ação concreta capaz de abranger não só a esfera econômica, mas uma dimensão política no amplo significado teórico - prático, capaz de se lançar a uma jornada de expansão coordenada, que seria capaz de eliminar a divisão social do trabalho que se caracteriza como uma das condições primordiais para a manutenção do capitalismo enquanto sistema econômico.

Rosa de Luxemburgo e suas críticas ao cooperativismo

Rosa de Luxemburgo considerava as cooperativas, principalmente as de produção, como “instituições de natureza híbrida” inseridas no modo de produção capitalista, uma pequena produção socializada pelos cooperados dentro do complexo sistema de trocas, um ser que mesmo sendo híbrido é constituído por várias nuances contraditórias. (LUXEMBURGO, 1999)

Essas contradições têm como ponto inicial o fato de que no capitalismo, onde se estabelece a prática do cooperativismo, o que predomina e determina a produção de uma empresa, seja ela privada ou coletiva é a demanda e necessidades do mercado, ou seja, o mercado tem suas próprias leis que fazem como que uma empresa tenha que adaptar sua produtividade a essas leis.

Nesse contexto eis que surge uma grande contradição envolvendo os ideais cooperativistas, visto que mesmo numa cooperativa alguns dos operários cooperados passam a liderar as decisões e exercer um papel semelhante ao de um patrão capitalista, na medida em que para aumentar ou diminuir a produtividade eles necessitarão em alguns casos diminuir e em outros elevar a jornada de trabalho dos demais operários e empregar e demitir segundo as necessidades do mercado.

Nessa perspectiva é que se pode considerar que mesmo sendo uma cooperativa uma empresa de caráter coletivo, devido ao fato dessa empresa encontrar-se inserida no sistema capitalista e ser regulada pelas leis mercadológicas, muitas vezes essas cooperativas terão que fazer uso das estratégias que são realizadas pelas corporações capitalistas para conseguir manter-se em pleno funcionamento, sendo essa uma das principais contradições das cooperativas de produção.

Segundo Rosa de Luxemburgo:

Praticamente, exprime-se isso pela necessidade de intensificar o trabalho o mais possível, de reduzir ou prolongar as horas de trabalho conforme a situação do mercado, de empregar a força-de-trabalho segundo as necessidades do mercado ou atirá-lo na rua, em suma, de praticar todos os métodos muito conhecidos que permitem a uma empresa capitalista enfrentar a concorrência das outras. (1999: p. 81).

Essa contradição citada leva a cooperativa a duas vertentes: em uma vertente podemos verificar que muitas dessas cooperativas acabam por optar forçadamente ou por vontade espontânea pelo retorno a uma empresa capitalista propriamente dita e não mais dispor da denominação de cooperativa; em uma outra vertente observa-se que os operários cooperados por não concordar que a cooperativa pratique as mesmas estratégias das empresas capitalistas acabam optando pela sua dissolução, o que teria sido a causa da dissolução ou transformação de muitas cooperativas de produção em todo o mundo e particularmente na Inglaterra (LUXEMBURGO, 1999).

Por todos esses motivos Rosa de Luxemburgo alega que apenas o desenvolvimento das cooperativas de produção não seria suficiente para o surgimento de uma economia socialista em escala global. Nessa perspectiva, mesmo tendo defendido a importância do cooperativismo como um dos meios de implantação do socialismo, ela faz muitas ressalvas ao mesmo. Inclusive reafirma a impossibilidade das cooperativas de produção sobreviverem de forma dissociada das cooperativas de consumo e sem adotar algumas medidas características do modo de produção pautado pelo capital. (LUXEMBURGO, 1999).

Karl Kautsky e sua visão do cooperativismo

Kautsky também considera o cooperativismo como uma solução para vários problemas encontrados pelos camponeses. Segundo ele a pequena propriedade agrícola pode ser incrementada pela implantação de cooperativas que passam a impulsionar o desenvolvimento econômico dos camponeses.

Entretanto ele enfatiza que o problema central no tocante a implantação do cooperativismo pelos camponeses diz respeito à resistência que esses têm em trabalhar em conjunto. Kautsky comenta que os camponeses têm internalizada uma visão individualista para a gestão de suas propriedades, visto que historicamente o camponês aprendeu a ser o único administrador de suas terras o que torna difícil o mesmo aceitar a idéia de gerir de forma coletiva essas propriedades por meio do cooperativismo. (KAUTSKY, 1980).

Dessa forma, o que acontece é que o cooperativismo atende de forma ampla e substancial os grupos que conseguem melhor se organizar em sociedade e estes, segundo Kautsky são os grandes proprietários de terras, os quais possuem os mesmos objetivos e interesses. Desse modo, seria mais fácil construir uma ação coletiva voltada a atender os interesses dos grandes proprietários rurais do que os dos pequenos. Neste sentido, afirma Kautsky:

A formação de cooperativas é muito mais fácil para os grandes proprietários do que para os camponeses, pois são muito menos numerosos e dispõem de tempo, de relações extensas, de conhecimentos comerciais - próprios ou de empréstimo (KAUSTKY, 1980: p. 138).

Kaustky chama a atenção ainda para o êxito obtido por algumas associações a exemplo da experiência da propriedade de Ralahine, na Irlanda, as implantadas pelas organizações comunistas da América do Norte nas comunidades de Amana, de Aurora e na colônia de Bishop Hill (KAUTSKY, 1980). Utiliza esses exemplos bem sucedidos de práticas do cooperativismo para afirmar ser esse um instrumento capaz de substituir o individualismo do modo de produção capitalista, por uma sociedade onde a classe camponesa possa também se inserir.

Nesse contexto Kautsky quer provar que um modelo de cooperação coletiva pode ser extremamente viável, sendo que para isso é necessário construir os mecanismos apropriados para que ele possa trazer resultados satisfatórios, ele acreditava ainda que não fosse através dos camponeses possuidores de terras, mas dos despossuídos, dos proletários, que se estabeleceriam as condições à constituição da grande produção cooperativa.

A COAPECAL - Cooperativa Agropecuária do Cariri como um exemplo de cooperativa bem sucedida implantada no Cariri Oriental paraibano.

A Cooperativa Agropecuária do Cariri - COAPECAL pode ser considerada como um importante exemplo de cooperativa agropecuária já implantada na Paraíba, a mesma foi fundada no final de 1996 por 20 produtores rurais de Caturité que buscavam melhores condições para a prática da atividade leiteira na região. Em 1997 a mesma iniciou suas atividades com a fabricação do queijo de manteiga e só no mês de março de 1999 passou a trabalhar com o beneficiamento do leite para a fabricação de uma grande variedade de produtos laticínios, a exemplo de bebida láctea, manteiga industrializada, manteiga de gado comum, leite pasteurizado do tipo B e C, doce de leite, queijo de manteiga, requeijão, qualhada, dentre outros produtos.

O município de Caturité, onde a COAPECAL está situada, encontra-se localizado na Mesorregião da Borborema e na Microrregião do Cariri Oriental paraibano à uma distância de 130 km da Capital do estado e 30 km da Cidade de Campina Grande. Limita-se ao norte com Campina Grande, ao sul com Barra de Santana, ao leste com Queimadas e a oeste com Boqueirão. Segundo o IBGE (2007), esse município estende-se por 118 km² e conta com uma população de 4.191 habitantes, dos quais 828 residem na zona urbana (19,8%) e 3.363 (80,2%) residem na zona rural, o que faz Caturité dispor de uma população eminentemente rural.

Até 1997 a COAPECAL vinha apresentando um bom desenvolvimento com relação à produção de produtos laticínios industrializados, os quais já estavam sendo bem aceitos pelos consumidores paraibanos, no entanto, o que fez a cooperativa ampliar ainda mais o seu mercado consumidor e dar uma alavancada na comercialização do leite pasteurizado pelo território paraibano, foi à parceria firmada em 2003 com a Política Pública do Programa Fome Zero ³. A partir de então a cooperativa passou a beneficiar ainda mais os que fazem parte direta e

³ O Programa Fome Zero no Brasil teve origem em 2001 e tinha como objetivo central erradicar os problemas sociais relacionados à pobreza, à fome e à exclusão social no país. Esta era uma das principais promessas de campanha do ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, no entanto, o programa só veio a ser oficializado em 30 de janeiro de 2003. Para auxiliá-lo foi criado o Ministério Extraordinário para a Segurança Alimentar e o combate a Fome – MESA, que teve como ministro José Graziano da Silva, que também foi o elaborador do projeto. (FREITAS, 2007).

indireta do projeto cooperativista, desde os pequenos pecuaristas de base familiar aos novos empregados que a organização necessitou contratar, contribuindo para a criação de novos empregos, e para o processo de (re)pecuarização e inserção de inovações tecnológicas nas áreas rurais abrangidas pela cooperativa (REGO, 2009).

Atualmente a COAPECAL é considerada como uma das maiores geradoras de emprego e renda na localidade visto que ela emprega aproximadamente 140 funcionários diretos e viabiliza aproximadamente 1.000 empregos indiretos. Atualmente a Cooperativa também é considerada como uma das maiores compradoras do leite que é produzido nessa microrregião do estado uma vez que recebe diariamente leite do rebanho bovino de aproximadamente 734 pecuaristas distribuídos por vinte e cinco municípios do Cariri Oriental e demais Microrregiões paraibanas e distribui os seus produtos industrializados por grande parte dos municípios paraibanos, principalmente para as cidades de Campina Grande e João Pessoa, além das cidades de Natal-RN, e Recife-PE, sendo que a cada dia a mesma amplia a sua área de abrangência o que demonstra o poder territorial exercido pela COAPECAL em sua cadeia produtiva, e a sua influência no processo de (re)pecuarização do Cariri Oriental paraibano.

A COAPECAL também assume hoje uma importância crucial na modernização rural das áreas do Cariri Oriental paraibano, visto que para poder ampliar o seu circuito de produção a mesma necessitou fazer uma série de investimentos relacionados inovações tecnológicas na sua base produtiva, a exemplo da aquisição de máquinas e implementos agrícola disponíveis no mercado contemporâneo que possibilitasse a melhoria da qualidade do leite adquirido dos rebanhos bovinos e dos seus produtos industrializados.

Essas inovações tecnológicas iniciadas com a modernização da unidade industrial da COAPECAL também foram expandidas para as propriedades rurais dos pecuaristas que fornecem leite para a cooperativa e conseqüentemente para o Programa Fome Zero, esse fato ocorre pelo desejo que esses fornecedores estão tendo em ampliar cada vez mais a produção leiteira dos seus rebanhos e auferir uma maior margem de lucro, sendo que para alcançar essa meta passaram a realizar uma série de melhorias ligadas às condições de manejo, ordenha alimentação e saúde de suas criações. Observa-se também que esses pecuaristas vêm realizando investimentos visando à modernização na forma de circulação dos produtos pecuários, e nas demais instalações rurais de suas propriedades.

Corroborando com (HESPANHOL, 2007), que defende a importância da ação integrada entre diferentes órgãos públicos, a exemplo de políticas governamentais, cooperativas, sindicatos, associações e outros dessa ordem, como ações cruciais para a dinamização econômica do campo e para uma melhoria na qualidade de vida dos que habitam as áreas rurais deste país e que sobrevivem das atividades ligadas à agricultura e pecuária. Aplicamos essa idéia à realidade da cooperativa em destaque, uma vez que a consideramos como elementos de grande valia no processo de dinamização e manutenção dos pequenos pecuaristas de Caturité nas áreas rurais desse município, visto que

agora esses não sentem mais a necessidade de migrar para outras regiões do país em busca de emprego, uma vez que voltaram a realizar em suas próprias localidades a atividade da pecuária leiteira, atividade essa que vem garantido à sobrevivência digna desses homens do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho torna-se interessante ressaltar uma diferença básica observada entre o pensamento utópico e marxista sobre o cooperativismo, visto que no pensamento utópico, o cooperativismo era planejado como o desenvolvimento de uma sociedade que funcionaria pautada em regras que manteriam a ordem moral dos indivíduos em sociedade que deveria funcionar de forma coletiva e perfeitamente organizada, mesmo sem o auxílio do governo. Já os marxistas observavam o cooperativismo como um instrumento de transição entre uma economia capitalista e sua transformação em um novo sistema, o socialismo. Dessa forma o resgate realizado do cooperativismo a partir de diferentes perspectivas teóricas, nos proporcionou um conhecimento maior das diversas visões sobre o sentido deste fenômeno nos permitindo assim entender as contradições presentes no sistema cooperativo implantado no interior de formações sociais capitalistas.

A associação da ideologia cooperativista ao estudo de caso da COAPECAL tornou-se relevante tendo em vista, que hoje ela pode ser classificada como um importante exemplo de cooperativa paraibana, que mesmo tendo o seu desenvolvimento e expansão inicial ligada indiretamente ao estado por intermédio da adesão como usina ancora do Programa Fome Zero, a mesma desde a sua implantação fora coordenada pela própria comunidade sendo um exemplo de cooperativa que pode ser desenvolvida em outras regiões brasileiras, uma vez que explora de forma racional o que a localidade tem em abundância, isto é, a pecuária leiteira. Sendo a referida cooperativa considerada na atualidade como um dos mais ousados empreendimentos que já foram colocados em prática no Cariri paraibano, assumindo dessa forma a tendência de ser um elemento capaz de promover a modernização estrutural nas áreas rurais deste estado e provocar a inclusão dos trabalhadores rurais dessa microrregião paraibana no mercado global, os imbuindo também dos ideais cooperativistas pautados na solidariedade e ajuda mútua.

REFERÊNCIAS

BOGARDUS, Emory. **Cooperação: Princípios**. São Paulo: Editora Lidador, 1964.

COSTA, Luciano de Souza. *O cooperativismo: uma breve reflexão teórica*. **Ciências Sociais em Perspectiva** (6) 11: 55-64 2º sem. 2007. Disponível em: <http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VISeminario>.

FREITAS, Rosana de C. Martinelli. **O governo Lula e a proteção social no Brasil: desafios e perspectivas.** Revista *Katálysis*, vol.10, No. 1, Florianópolis, Jan./Jun 2007.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. **O desenvolvimento do campo no Brasil.** In: FERNANDES, B. Mançano, MARQUES, Marta Ines M., SUZUKI, Julio Cesar. **Geografia agrária: teoria e poder.** 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
IBGE. **Contagem da População 2007.** Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=cd&o=17&i=P>

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARTINS, Adalberto (org). **O cooperativismo no pensamento marxista.** (Marx, Rosa, Karl, Lenin, Mao) São Paulo: CONCRAB, **Caderno das Experiências Históricas de Cooperação** No. 2., junho 2000.

MARX, K. & ENGLES, F. **Obras escolhidas.** Tomo II. Lisboa: Edição Avante, 1983.

PAGOTTO, Claudete. *COOPERAÇÃO: natureza social do homem realizada às margens do sistema capitalista.* **Revista Espaço Acadêmico** No. 45, Fev. 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/045/45cpagotto.htm>.

PINHO, Diva Benevides. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalistas e socialistas.** 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1966.

PIRES, Maria L. L. e Silva. **O cooperativismo agrícola em questão.** Recife: Massangana Editora, 2004.

KAUTSKI, Karl. **A Questão Agrária.** Brasília: Linha Gráfica Editora, 1998.

KLAES, L. S. *Cooperativismo e Ensino à Distância.* Florianópolis, UFSC, 2005. **Tese** de Doutorado em Engenharia de Produção.

REGO, Eduardo Ernesto do. **Cooperativismo e território: questões sobre a COAPECAL em Caturité – PB.** (Dissertação de Mestrado - UFPB/CCEN). João Pessoa, 2009.

Contato com o autor: ernestovirtual@hotmail.com

Recebido em: 13/08/2012

Aprovado em: 06/10/2013